

Um brasileiro na epopeia bolivariana

(Biographia do general Abreu e Lima)

POR

Argeu Guimarães

Ex-ministro em missão especial na Columbia.

Membro do Instituto Archeologico Pernambucano, da Academia Nacional de la Historia, de Caracas, da Sociedade Bolivariana.

1926
Empreza Graphico-Editora
Moraes, Rodrigues & Cia. - Imperador, 207
RECIFE

A Mário Melo

Obras do autor sobre Bolívar:

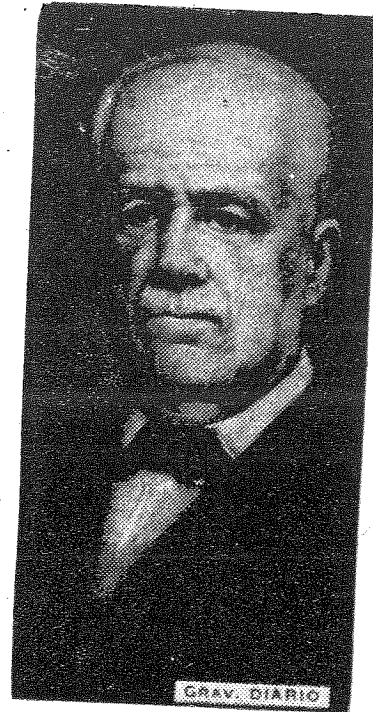
Bolívar y el Brasil, comunicacion a la Academia de Historia de Bogotá. 1 folheto. Bogotá, Imprenta nacional, 1924. Publicado tambien no Diario de Pernambuco, do Recife, no Diario Official, secção do Instituto Historico, Rio de Janeiro; no Boletim de Historia y antiguidades, de Bogotá; no Boletim da Academia Nacional de la Historia de Caracas, na Revista Militar do Ecuador; na Revista do Brasil, de S. Paulo, etc, etc (Versão Castelhana de Eduardo Posada.)

Colombia y el Brasil, conferencia, El Tiempo, Bogotá, 9 de setembro de 1922.

Brasileiros en la guerra de la Independencia, in "Chromos", Bogotá, 23 de Agosto de 1924. (Versão castelhana de *Miguel Rasch Isla*).

O marechal Labatut na Grã-Colombia, in Revista do Brasil, S. Paulo, Novembro, 1924.

Artihos: Bolívar no Potosi, O Congresso do Panamá, O episodio de Tchiquitos, O sonho de Natividade Saldanha, etc.



General José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima

"Eu vi nascer a Columbia nas Quecêras-Del-Médio"

" . . . servi com os mais distintos chefes; apesar das muitas intrigas de que fui victima, adquiri a reputação de chefe valente, illustrado e muito leal: acompanhei a Columbia até a sepultura! Nesse tempo eu não tinha Patria, fiz da Columbia a minha Patria."

(Abreu e Lima)

O general José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, unico e notavel brasileiro que figura na guerra da independencia hispano-americana, era filho do celebre Padre Roma, de quem herdou, alem do nome, um temperamento impulsivo e agitado, um caracter vehemente, um espirito insatisfeito, uma accentuada physionomia de batalhador e idealista. Complexa figura! Na sua longa vida, experimentou as mais azarasas mutações, assumiu as attitudes mais inesperadas, conservando-se sempre, porem, na estacada, em defeza de ideaes nobres e titanicos, que lhe punham a bella cabeça na febre dum incessante desvairo.

Testemunha ocular do sacrificio do pae, depois da frustrada revolução pernambucana de 1817, jurou consagrar a vida ao ideal da liberdade da America. Apesar da sua enervante instabilidade, do permanente desencontro das suas ideias, que lhe referviam e tumultuavam no cerebro, como um oceano largo em perpetuo temporal, e o conduziam aos gestos mais inesperados, e aos mais paradoxaes contrastes, Abreu e Lima logrou cumprir, com um exito surpreendente e glorioso, o tragico juramento feito deante do cadaver amado daquelle de quem herdou o nome e a bravura.

Foge ao scenario brasileiro, onde se incompatibilisára com a monarchia, e onde morriam os echos dos seus protestos e blasphemias, porque a republica era ainda um sonho, phantasia de poucos benemeritos visionarios, e a nossa finalidade politica annullava as tentativas dos paladinos democraticos. Um lustro mais tarde grangeavamos a independencia dentro da formula dynastica, e o Imperio se preparava para cimentar e desenvolver a nossa grandeza por dilatados annos, poupando-nos a fatalidade das democracias tyrannicas.

Abreu e Lima abandona, pois, o Brasil. Não esmorecem, não amortecem os seus impetos bellicosos e revolucionarios. Ouve os echos da formidavel epopeia de Simão Bolivar, e se dispõe a ser soldado da Columbia, por

servir á liberdade e á republica, já que no Brasil o nosso destino historico o excluia. Deante d'elle pairava, ainda e sempre, a sombra tutelar do Padre Roma, que o não devia abandonar até á morte. Na Columbia descobria o theatro d'uma guerra ingente, perfeitamente accorde com o seu sentir, e que o fascinava e lhe dava ensejo de cumprir até á saciedade o sagrado juramento, a selemnissima promessa contrahida em fórma tão pathetica. O invencivel exercito de Bolivar, em lucta contra a Hespanha monarchica e opressorá, deparava-lhe a oportunidade de offertar a vida no altar da liberdade do continente.

Poude, em verdade, cumprir integralmente esse formoso disignio. Valor, clarividencia, destemor, firmeza de iniciativas, rude lealdade, franqueza desafiadora, forte tempera de spartano character, foram qualidades que se definiram, afinal, no seu atribulado espirito, e permittiram-lhe proceder como heroe digno da epopeia transcendente. Poude, após longos annos, voltar ao Brasil, com o orgulho e alltvez duma gloria indisputavel, definitiva e bravamente conquistada.

Mas, a sua vida é plena de interesse, sobretudo no que concerne á sua acção na Columbia. Deve figurar, sem condescendencia, na galeria dos mais eminentes soldados da Independencia das tres Americas. Sua perso-

nalidade merece encarada pelo prisma que melhor a define e a exalta: por isso que, americanista providencial e prophético, poz muitas vezes a ideia de continente acima da ideia de patria, e proclamou incessantemente a sua qualidade de cidadão da America, segundo sua textual expressão; cidadão que, sobre ser brasileiro e patriota de verdade, não se sentia, contudo, extranho aos ideaes bolivarianos, que eram, no fundo, os mesmos ideaes dos outros libertadores do continente, apenas revelados, pelo genio venezuelano, com mais desassombro, mais nobreza, mais eloquencia, mais amplitude.

Não ha por que deprimir Abreu e Lima pelas contradicções que o affligem, muitas vezes apparentes, porque, na realidade, é um alto espirito que não cessa de evoluir. Republicano ou monarchista, é a republica que o attrahe definitivamente, e antes de tudo é a liberdade da America que o seduz. Catholico ou maçõn, deve ser considerado, de preferencia, um espirito egresso de fanatismos doutrinaes ou religiosos. Amigo ou inimigo, cumpre enxergar em Abreu e Lima o soldado que não trepida em separar-se do seu maior affecto, ao descobrir-lhe debilidades de character, felonias, ingratições. Uma nobre figura, por conseguinte, na extensão justa da palavra. Estes apontamentos procuram revelal-o como soldado de Bolívar, e é certo que nada accrescentarão ao seu renome, fartamente proclamado, por docu-

mentos que elle mesmo deixou, ou atravez biographos conscienciosos. Soffreu, contudo, cá e lá, injustiças e erronias, e não serà de mais tentar apresental-o tal qual é, mostrando-o, sem favor, como verdadeiro heroe, a mór parte das vezes injustamente aggreddido e calumnlado.

Abreu e Lima, nascido em Pernambuco a 6 de Abril de 1794, era como dissemos, descendente do famoso Padre Roma, que despira as vestes sacerdotaes e conseguira legitimar os filhos por breve apostolico. Reconciliado com Deus (narra Mello Moraes filho) e rendendo-lhe graças por ser condemnado como cúmplice da revolução de Pernambuco, o Padre Roma, isolado, no lugar do supplicio, exclama, dirigindo-se aos arcabuzeiros do conde dos Arcos: "Camaradas, eu vos perdôo a minha morte; lembrae-vos, ao fazer a pontaria, que o coração é a fonte da vida".

Eram dignos um do outro, accrescenta o Sr. Diego Carbonell, diplomata e historiador venezuelano que se occupou da reabilitação de Abreu e Lima como heroe da epopeia; ambos foram heroes; o Padre Roma, porrem, foi alguma cousa mais, porque foi martyr. Recebeu ordens sacerdotaes das mãos do cardeal Chiaramonte, que, chegando a ser, mais arde, Papa Pio VII, lhe concedeu o breve da secularização. Professando no Carmo de Goyana, appellidou-se ali frei Padre José de Santa

Rosa. Discipulo da Faculdade theologica da Universidade de Coimbra, revelou-se notavel critico: e era uma alma de revolucionario capaz de arrastar multidões. O filho foi herdeiro fiel das virtudes do Padre Roma. Da fortaleza de São Pedro foi levado ao campo de Sant'Anna, onde assistiu á execução do pae. Inflammados os olhos com lagrimas de sangue, abandonou as terras nativas, dirigindo-se ás de Venezuela. Em fevereiro de 1818 chegava á America do Norte, em abril do mesmo anno estava em São Thomaz, partindó logo para a Venezuela, onde aportou quando se installava o Congresso de Angostura. Foi efficazmente auxiliado, na fuga, pela maçonaria, de que era adepto, e pela qual muito trabalhou na Venezuela e na Nova Granada.

Em Caracas, tratou de procurar immediatamente Bolivar, que abria, de par em par, as portas da celebridade. Foi á sua presença, discorreu com enthusiasmo sobre a guerra da Independencia, commoveu o Libertador com a historia amarga da sua mocidade e o tragico desenlace da vida do pae. Mal chegado, tratou, pois, de assentar praça, sem detença. Era esse o momento em que os realistas hespanhões, chefiados pelo atroz Figueirôa, assolavam o norte da Nova-Granada, e o coronel Barreyro, de execrada memoria, decretava, no dia 28 de novembro, uma verdadeira guerra de exterminio: "Approvam-se os planos do sargento-

mór Figueirôa, e, d'oravante, providencie-se para que, quando as nossas tropas occupem territorio inimigo, não deixem vivo nem um só homem". Esse proclama de barbaria exacerbou o animo de Abreu e Lima, espicçou os seus ardores bellicosos, aguilhoou-o nos sentimentos de liberdade, compelliu-o vehementementé á lucta.

Em Angostura, Bolivar passou revista a varios estrangeiros, entre elles o nosso patricio, que iria pouco depois salientar-se no campo da honra.

A primeira grande acção em que Abreu e Lima se notabiliza é a de Quecêras Del Médio. Elle a evoca em celebre carta dirigida, quarent'annos depois, ao general José Antonio Páez, famoso caudilho, prócerê da independencia e fundador da Venezuela.

Abreu e Lima lembra como conseguira Páez, com cento e cincoenta homens, levar de vencida todo um exercito hespanhol, ao mando do famigerado Morillo. Tendo ao lado o proprio Simão Bolivar, e perto do insigne Soublotte, outro heroe, viu a infantaria inimiga retroceder até os contrafortes da montanha, e é o mesmo brasileiro, á margem direita do rio Arauca, o incumbido de redigir o boletim duma gloriosa jornada. As balas da artilharia inimiga, diz elle, vinham cahir aos nossos pés ou passavam rente ás nossas cabeças. Emfim, rememorava com orgulho, ser dos poucos veteranos de Var-

gas, de Topaga, de Molinos, de Boiacá, e, quem quer que conheça os annaes da cruenta guerra, sabe o que cada um desses toponymicos symboliza de heroismo e gloria.

Boiacá, como Pitchintcha, como Bamboná, como Ayacutcho, figura entre as mais difficeis e decisivas batalhas. Foi justamente nesse recontro celebre que os principaes chefes puderam apreciar em toda a extensão as singulares qualidades do brasileiro, que se destacava entre os mais notaveis combatentes. Assombrou chefes e camaradas, ao transpôr o passo da ponte historica daquelle logarejo em que se mediram, como gigantes, os hispanos d'aquem e d'alem mar. Francisco de Paula Santander, futuro vice-presidente da Nova-Granada, galardoou-o, no momento mesmo da refrega, com uma das suas mais caras medalhas, cravejada com uma esplendida esmeralda de Muzzo, joia que o procere granadino conservava tambem como um symbolo da patria, em cujas entranhas se encontra a inexaurivel mina dessas pedras preciosas.

Nesse anno Abreu e Lima conheceu pela primeira vez a capital da Nova-Granada, e regressou logo ao norte, como chefe do Estado Maior do general Soubllette, outro dos principaes vultos da epopeia. Bateu-se na cidade de Cucuta. Partiu em seguida para o rio Apure, onde se juntou a Páez, e logo depois seguiu, ainda em companhia de Soubllette,

para o oeste da Venezuela, a apoiar a divisão irlandeza. O mau clima minou-lhe o organismo, e tiveram de leval-o, moribundo, ao hospital de sangue, na cidade de Angostura.

Embora fosse chefe do estado maior de Soubllette, deliberou partir para o Apure, por seguir de perto o legendario Páez, a quem deveras se affeioara. Páez, cognominado o «Leão do Apure», é uma das mais acabadas e perfeitas figuras de soldado da grande guerra. Era o chefe dos chamados *llanêros*, os habitantes dos *llanos* da Venezuela, quer dizer, das infinitas planicies da zona tórrida. O *llanêro*, cavalleiro e nomade por atavismo, era o mais ardido, o mais ousado, o mais intemerato combatente da epopeia. Abreu e Lima identificou-se logo com o character franco e indomavel d'aquella gente, e sobretudo affez-se ao admiravel chefe que era Páez. D'est'arte, derramou o seu sangue nas memoraveis refregas de Carabobo, Savana de la guardia, Puertocabello.

Páez, por seu turno, sempre soube prezar-o e admiral-o, e o distinguia com o epitheto de *el guapô*—o valente.

Propoz as suas promoções a tenente-coronel e a coronel. Abreu e Lima, como dissemos, ingressara nas fileiras libertadoras com o posto de tenente, e fôra promovido a capitão, pelo proprio Bolivar, no dia 20 de fevereiro de 1819.

Em 1822, em Savana de la guardia, Páez deixou um testemunho publico da admiração que tributava ao brasileiro: Dos ferimentos que recebeu em Carabobo, faz honrosa menção em sua *Autobiographia*. Fê-o promover a tenente-coronel e deu-lhe, como lembrança pessoal, um relógio de estimação. Em Puerto-Cabello revela, ainda e sempre, as suas invejáveis qualidades. Pôde ver-se, na correspondencia com o presidente da Nova-Granada, que Abreu e Lima conhecia a fundo a situação daquella praça forte, indicava, com segurança, os melhores planos de ataque. A sorte lhe permittiu tomar parte no assalto á fortaleza, e com tão bellas attitudes, que logo o promoveram a coronel.

Serve, ainda, sob as ordens d'outros generaes notaveis, como Urdaneta, Montilla e o grande Sucre. E' destacado para a expedição contra o Perú, na guerra que sobreveem entre esta republica e a da Columbia. Tomou assim parte muito saliente na celebre batalha de Portete de Tarquy, na fronteira do Equador com o Perú.

Em dezembro de 1822 foi designado para dirigir as manobras da esquadra columbiana contra Maracaibo, e conseguiu uma presa de guerra, rudemente disputada, a corveta hespanhola *Maria-Francisca*, de 22 canhões. Soldado e marinheiro da Grã-Columbia, faltava-lhe

revelar-se noutra terreno, para o qual tambem estava talhado, pela sua intelligencia e cultura.

Vae, em missão especial, aos Estados Unidos, por indicação do general Escalona, adquirir armamento para a Venezuela.

Este pallido resumo da vida de Abreu e Lima na Columbia, revela a extraordinaria extensão e importancia dos serviços desempenhados pelo nosso patricio. Soldado, marinheiro, diplomata, activissimo e multiplo, pareceria possuir o dom da ubiquidade. Contudo, a sua carreira se desdobra ainda em outros horizontes. E' tambem um dos publicistas da epopeia. Á principio desenvolve, num terreno pratico, uma larga acção em prol da maçonaria. Depois, redige partes de batalhas, outros tantos documentos para a historia da republica, e, sempre que os interesses da politica reclamam artigos e pamphletos de propaganda e defeza, ainda Abreu e Lima é solicitado pelos seus dotes de polemista e argumentador de pulso. Grangeia, sob esse ponto de vista, justa notoriedade. Em 1826 o general Santander incumbem-o de escrever uma completa memoria sobre os limites da republica com o Imperio. E' deploravel que esse documento escape á nossa curiosidade, porque constituia um torneio difficil para o pernambucano, tendo de consiliar as pretensões das suas duas patrias, a legitima e a adoptiva.



Mais tarde o proprio Bolivar encarrega Lima dum trabalho que por si só comprova o alto apreço em que era tido. O abbade de Pradt, arcebispo de Malines, publicara na Europa uma resposta a Benjamin Constant, defendendo Bolivar de accusações formuladas por este ultimo. Mas (como diz o Caudilho Maximo em varios topicos do *Jornal de Bucaramanga*) considerava o senhor de Pradt pouco familiarizado com os assumptos columbianos e americanos, e, neste consoante, descobria lacunas na citada defeza.

Para justificar-se ante a opinião européa, que muito prezava, Bolivar tinha a escolher não poucos insignes plumitivos que o cercavam, e eram, alguns delles, dignos e conspiciosos arautos da sua celebridade. Entretanto, nesse excepcional ensejo, resolve favorecer o pernambucano com uma prova de estima e confiança, para galardoar assim, tambem, a sua fidelidade, a sua dedicação e os seus meritos. Appella para Abreu e Lima, afim de que este complete a obra de Pradt, corrigindo-lhe quaesquer erroneas, ampliando-a, facetando-a, completando-a. Abre, aos olhos solertes e perspicazes do nosso patricio, os segredos do archivo bolivariano, e põe-lhe, á vista e ao alcance, peças de inilludivel transcendencia, que muitos dos seus proselytos desejariam compulsar, mas que o Hannibal columbiano guardava cioso e avaro.

Confiou plenamente na lealdade de Abreu e Lima, revelou-lhe muitos lances obscuros da sua carreira, e permittiu-lhe escrever uma obra valiosa, documentada e séria, que ainda nos merecerá alguns commentarios, a proposito da bella edição que o illustre governo da Venezuela gentilmente offereceu ao do Brasil em 1922.

A todos esses notaveis serviços prestados na Columbia pelo pernambucano, cumpre ajuntar outro de igual valia: depois de ter combatido pela causa da independencia, enfrentou algumas vezes o caudilhismo anarchico, por defender a ordem democratica. Venceu o rebelde Carujo em Rioatcha, bateu-se contra os indios guahiros revolucionados, e libertou a cidade de Santa-Martha do dominio da anarchia.

Quando Abreu e Lima voltou aos penates, tantos annos depois, tinha o peito coberto de crachás, como poucos dos guerreiros da epopeia. Quasi todas as medalhas e condecorações mais apreciadas, mais invejadas, possuia o *coronel de Lima* (assim o designavam sempre) e é commovedor o carinho com que elle se referia a esses gloriosos galardões, escoados cincoent'annos, quando o veterano de Pernambuco se dirigia ao veterano de Caracas, Páez, que, octogenario, conhecia em Nova-York as agruras do exilio.

Fala Abreu e Lima com enternecimento do diploma de general, outhorgado pelo

proprio Bolivar, honra insigne que nem todos desfructaram. Na Venezuela, na Columbia, no Equador, não se póde esquecer o illustre brasileiro que ostentava com dignidade e brilho o titulo de soldado libertador. Ufanava-se das cruces de Boyacá e Puerto-Cabello e do nobre escudo de Carabobo. Conservava o busto em ouro do Libertador, presenteado pelo mesmo heroe com honroso attestado.

A ultima phase do brasileiro na Columbia, é de dedicado amparo ás finaes campanhas de Bolivar. Tentava este manter unidos os laços federaes das tres republicas, que pouco depois se desmembrariam. O ultimo posto de Abreu e Lima foi, assim, o de chefe do Estado Maior do rio Magdalena, no qual se manteve até 1831. Em Carthagena se caracteriza como o mais intemerato dos bolivaristas. Esse derradeiro periodo, de extremado partidatismo, incompatibilisa o filho do Padre Roma com os nacionalistas da Nova-Granada.

Bolivar toca o occaso da vida e do poder. Dentro da Gran-Columbia, engendrada pelo seu genio, definem-se as tres nacionalidades que perduram até hoje: Columbia propriamente dita, Venezuela e Equador. Bolivar, até á morte, bate-se pela indissolubilidade da republica, e o seu partido é o da cohesão e o da integridade da patria. Contra elle, levantam-se os separatistas dos varios matizes, e es-

peram apenas a sua morte para quebrar o bloco nacional. Abreu e Lima figura entre os que nem por um momento duvidaram da superioridade do crêdo bolivariano. Com a renuncia e a morte do Caudilho Maximo, o brasileiro vê desapparecer o objecto da sua idolatria. Devia, pois, retirar-se; porque dali em deante encontraria fechadas todas as portas.

Em a Novã Granada, incompatibilisára-se seriamente com o vice-presidente Santander. Na Venezuela, irrompiam intrigas soezes, á tal ponto que o proprio Páez, á cujo lado sempre combatera com lealdade incorruptivel, trata-o agora com frieza. Só decorridos mais de dez lustros os dois velhos camaradas, batidos ambos pelo infortunio e pela ingrátidão dos homiêns, restabelecem o fio daquella amizade que não devera interromper-se nunca.

Em Bogotá, Abreu e Lima acompanha os finaes estertores de Bolivar. Vê como o seu prestigio vae sendo minado pelo ideal regionalista da Nova-Granada. O mesmo Bolivar, alanceado pelo desgosto e pela doença, resolve abandonar a liça. Em 1830 (*Carta a Páez*) Abreu e Lima se encontrou em Santafé, assistiu á dissolução da Convenção Nacional, e, quando soube que o Pae da Patria recusára os votos para presidente, comprehendeu que tudo estava perdido.

Bolívar confia-lhe delicadíssima missão. Quer retirar-se para a Europa, mas, temendo receber demonstrações hostis em algumas das povoações por onde tem que atravessar, precisa revestir-se de naturaes cautelas, e pede a Abreu e Lima para ir adiante, como chefe do Estado Maior do Magdalena, e, com a sua popularidade e prestigio, acalmar os animos. O pernambucano abre, assim, um caminho facil a Bolívar, livrando-o de novos contratempos. Mas a tuberculose cavernava o peito ingente do Libertador, que não logra passar alem do littoral.

Findo, pois, o papel de Abreu e Lima na Columbia, pede uma licença, parte para a America do Norte e a Europa, e regressa ao Brasil em 1831. A vida ainda lhe reservava, em Pernambuco, dilatados annos de luctas e polemicas. Morre a 8 de Março de 1869. O canto do cysne fôra aquella impressionante carta escripta em 18 de Setembro de 1868 ao velho confrade venezuelano, o general José Antonio Páez.

Esses são os traços geraes da vida e da gloria de Abreu e Lima na Columbia. A' margem d'alguns dos elementos acumulados antes, podem-se accrescentar annotações, com o fim de analysar e completar o sentido historico do papel deste heroe brasileiro na epopeia bolivariana.

O primeiro commentario que se impõe, é o da singularidade da collaboração do brasileiro na grande guerra. Representou com lustre a nossa raça e a nossa patria naquella campanha vasta e heroica, de que nasceram cinco illustres republicas hispano-americanas. O deus da guerra, Bolívar como o appellidavam na exaltação d'um natural entusiasmo, tinha sob as suas ordens copiosas tropas e bravos e afamados capitães, postos á prova em batalhas formidaveis.

Muitos estrangeiros, attrahidos pela fascinação de Bolívar e dos seus ideaes, vinham alistar-se nas fileiras dos libertadores hispanos. Combateram, irmanados aos patriotas da Columbia, filhos de todas as partes do mundo: norte-americanos, hespanhoes, allemães, italianos, inglezes, irlandezes, francezes, russos, hollandezes, polacos. Não importa ennumerar. Havia soldados oriundos dos mais remotos paizes. Alguns attingiram postos de grande destaque. Assim, o irlandez general Daniel Florencio O'Leary, que durante muitos annos, e nas phases mais interessantes da lucta, foi primeiro ajudante de campo de Bolívar, e, annos depois de terminada a guerra, escreveu o livro mais copioso e notavel de quantos se publicaram sobre a epopeia e a vida do heroe. Muitos mereceram a intimidade de Bolívar, como o francez Péru de La-

croix, autor do celebre *Diario de Bucaramanga*, em que se encontra o mais authentic perfil do generalissimo.

“A guerra da Independencia, diz Cornelio Hispano em *Bolivar e a Posteridade*, fez-se, e só podia ser feita, com homens de todas as classes, condições e nacionalidades, sempre que exhibisse um requisito: estarem dispostos a dar o sangue e a sacrificar a vida em holocausto á Republica. No meio dos horrores da guerra de morte, a patria nova não precisava de philosophos, nem de estadistas, nem de legisladores, nem de advogados, senão de homens de acção, de espada, homens-feras, capazes de lutar contra os cães esfaimados que, a ferro e fogo, defendiam a causa da tyrannia hespanhola”.

A muitos dos forasteiros, Bolivar julgou com dureza, mas, em compensação, soube apreciar e premiar os verdadeiros valores, como o do nosso patricio. O mesmo insigne Libertador assim se exprime, segundo o *Jornal de Bucaramanga*: “Homens de todas as classes figuram hoje entre os nossos generaes, chefes e officiaes, e a mór parte delles tem apenas o merito do valor brutal, tão util á Republica, e o de terem morto muitos hespanhoes, e serem, assim, temidos”. Transcrevendo esses crueis conceitos, formulados para os reprobos, é justo lembrar algumas phrases do discurso inaugural do Congresso columbiano de 1819, em

que Bolivar se referiu tambem com justiça e gratidão á ajuda de alguns estrangeiros, que em varios terrenos tinham collaborado com os fundadores da republica. “Estes amigos da Humanidade (dizia o Pae da Patria) são os genios custodios d'America e lhes devemos reconhecimento eterno, como tambem devemos um reconhecimento religioso ás obrigações sagradas com elles contrahidas”. Para Abreu e Lima, para os seus pares no heroismo e na lealdade, estavam traçados estes elogios.

Não se confundiam com uns poucos filibusteiros, distituidos de idealismo e desinteresse. Era natural que, entre authenticos heroes, apparecessem figuras menos dignas. Importa esquecel-as, assim como importa exaltar os que reclamam a justiça e a imparcialidade da Historia.

Na verdade, a maioria dos columbianos adoptivos era perfeitamente digna desse titulo. Houve soldados napoleonicos, como Labatut, que não desdenharam a belleza da guerra hispano-americana. O mesmo Byron deslumbrou-se ante o genio de Bolivar e, antes de dirigir-se á Grecia, pensou em vir batalhar no theatro dest'outra grande epopeia,

Mas, onde se consorciaram raças tão dispares, não se menciona nenhum portuguez, e apenas um brasileiro. Este, foi Abreu e Lima. Assumiu, assim, perante a Historia, uma difi-

cilima reponsabilidadê ao assentar praça nas hostes de Bolivar. Poude, porem, sahir-se galhardamente, de cabeça erguida.

A biographia que vimos traçando sem lisonja e com imparcialidade, comprova-o de sobejo. Vem a pêlo indagar, nesta altura, se Abreu e Lima teria sido, de facto, o unico brasileiro soldado da epopeia bolivariana. Parece que assim foi, em verdade. Houve, entretanto, outros patricios, alguns engajados tambem nas fileiras columbianas, que poderiam figurar como pares do *coronel de Lima*. Sua acção, comtudo, esfumou-se nas incertezas do passado, e nada deixaram digno de menção, sob o ponto de vista militar. Passaram obscuros, como tantos outros estrangeiros.

Ficaram, é certo, ligados a um episodio historico da maior transcendencia, e a que já nos temos reportado longamente, em outros escriptos. Importa lembral-o, embora em rapidas linhas. Os revolucionarios pernambucanos de 1817 e 1824 encontraram-se no exilio, expulsos e perdidos, como reprobos da Patria, cujo sentimento democratico, naquelles annos agitados e heroicos, esbatia-se de encontro á cortezania dynastica. Eram martyres da Republica, já o dissemos, e só hoje, que nos encontramos integrados no regimen politico peculiar e exclusivo da America, é que podemos tributar-lhes, a esses esquecidos paladinos, a justa homena-

gem do nosso preito de gratidão. Em Londres e em Pariz acharam-se reunidos varios dos proceres de Pernambuco, desherdados e corridos, embora sempre dignos de melhor sina. No desespero do naufragio irremediavel dos seus ideaes, levantaram o pensamento para o heroe maximo, que plasmava e gerava, com o seu gladio de fogo, as republicas hispano-americanas. Era Bolivar, cuja fama corria os ambitos do mundo, e empolgava tambem a opinião europêa.

A' frente dos exilados e conspiradores apparecia a figura combativa de Manuel de Carvalho Pães de Andrade, ex-presidente da frustrada Confederação do Equador, e, a seu lado, ex-secretario do governo republicano de Pernambuco, o poeta José da Natividade Saldanha. Presumivelmente, eram acolytados por Arruda e Santiago, Pereira Oliveira, Quaresma Torreão, Telles de Menezes, que se encontravam todos em Pariz. Pela França, pela Inglaterra, pelos Estados-Unidos, obedeciam á mesma senha José Antonio Ferreira, Pinho Carapeba, Leite da Silva, Bezerra de Mello, Gomes do Rego, Arruda Camara, Mendanha, Mundrucú e Cruz Cabugã.

A' luz do nosso *Archivo Diplomatico da Independencia*, bem como ouvindo certos depoimentos columbianos, chegamos á convicção de que a ultima tentativa democratica dos

foragidos, consistiu numa solicitação ao insigne Bolívar, para que se empenhasse em guerra contra o unico throno da America. Para esse effeito foi enviado a Caracas e a Bogotá um emissario, com carta branca para entrar em conversações em nome dos revolucionarios. Esse agente secreto foi justamente o meigo e infeliz Saldanha, a respeito de cuja vida, de euja obra e de cuja desventura temos escripto abundantes notas.

Bolívar não podia dar ouvidos a Saldanha, por multiplas razões, que vão esmiuçadas em outro de nossos escriptos sobre este mesmo thema. Primeiro que tudo, Bolívar não desejava hostilizar o Brasil, por não frustar no nascedouro o celebre ideal de toda a sua vida, que foi o congresso continental do Panamá. O ministro da Columbia em Londres, Salazar, dirigira ao nosso Itabayanna o convite official ao Imperio para que participasse da magna assembleia, e a resposta de Pedro I não se fez esperar, concebida em termos superiores, que correspondiam plenamente ao pensamento do Caudilho Maximo. Nomeamos logo o nosso plenipotenciario, o commendador Biancardi, que, aliás, não chegou a partir para o isthmo, por motivos supervenientes, que não affectavam, entretanto, as boas relações existentes entre o Libertador e o Imperador. Bolívar repelliu, assim, a proposta de Saldanha, tendo o pensa-

mento em altissimos ideaes pan-americanistas, que propugnavam pela união e concordia de toda a America livre e feliz, embora governada por systemas politicos diversos. Demais, o heroe chegava ao termo das suas gloriosas jornadas, e poucos dias lhe restavam de poderio e prestigio. O insuccesso do congresso do Panamá foi para elle um terrivel golpe, que lhe deixou alanceado o coração, perdida a esperanza. Comparava-se ao grego demente que pretendia, do alto dum rochedo, dirigir os barcos que navegavam mar largo... Natividade Saldanha, não encontrando o apoio efficaz que esperava de Bolívar, embora delle ouvisse generosos incitamentos, deixou-se vencer pela fatalidade do destino, e, poucos annos depois, tombava victima d'um accidente nas ruas de Santafé.

Vê-se, pois, que, se Saldanha esteve, de facto, na Columbia, em periodo que coincide com o da permanencia de Abreu e Lima em Bogotá, em todo caso não pensou em combater individualmente nos exercitos da Independencia. A grande campanha estava finda, e não o aflagava, aliás, nenhuma esperanza de encontrar-se em emprezas militares gloriosas. Nem possuia o visionario Saldanha um temperamento de guerreiro, como o de Abreu e Lima.

A' Venezuela apórtou, pouco antes de Saldanha, outro dos vencidos de Pernambuco. Era o major commandante da segunda divisão

de caçadores, Emiliano Felipe Benicio Mundrucú, que, em 1826, publicou em Caracas um manifesto explicando as vicissitudes da republica do Recife. Conjecturamos um entendimento entre Mundrucú e Saldanha, para o exito da missão secreta deste ultimo. Embora alistado no exercito venezuelano, nada se conhece da fé de officio de Mundrucú.

Abreu e Lima se refere ainda, em suas cartas ao general Santander, a outros patricios ingressados tambem no exercito libertador. Faz menção, assim, do moço Francisco Antonio de Lima Barretto, filho duma das principaes familias do Recife, chegado a Bogotá em Janeiro de 1822 e logo admittido ao serviço da Columbia. Diz Abreu e Lima que o joven Barretto, seu parente, era objecto de investigações da Chancellaria brasileira, por intermedio do nosso Agente diplomatico em Philadelphia, e accrescentava ser cunhado do "mais rico proprietario de toda a America".

Outro pernambucano da mesma epocha e do mesmo grupo, é um irmão de Abreu e Lima, Luiz, que contava vinte e quatro annos quando se alistou em 1822.

Occupando-se de nossos estudos ácerca das relações entre Bolivar e o Imperio, o illustre historiador columbiano, Sr. Henrique Otéro da Costa, indaga se alguns dos expedicionarios que partiram de Gravesund na fragata *Lovely Ann*, em 1819, e vieram tomar parte em

alguns episodios da guerra da independencia, não seriam tambem brasileiros. Eram chefiados por um celebre *coronel de Lima*, mencionado pelo coronel Rafter em sua obra *Memoirs of Gregor Mc Gregor*. Gloriosamente vencido em Rioatcha e em Santa Martha, o *coronel de Lima* teria sido fusilado, com todos os seus heroicos companheiros, a 28 de Novembro de 1819, por ordem do vice-rei hespanhol Samano. Otéro da Costa (que, seja dito de passagem, tambem é de ascendencia pernambucana), quer acreditar que outros brasileiros figurassem nessa expedição, entre elles um capitão Nestosa e um sub-tenente Caro.

Depois de evocar todos esses nomes mal conhecidos e que ficaram obscuros na guerra da independencia hispano-americana, sobreleva, incontrastavel, a gloria do nosso Abreu e Lima. Elle os teria visto, a todos esses infelizes patricios, na terra longinqua. Teria conversado, por certo, com Saldanha, com Mundrucú, e teria secretamente commungado com os mesmos ideaes . . .

Abreu e Lima, vulto de tão saliente relêvo, soffreu, durante muito tempo, a injustiça da Historia. Creou, nos ultimos annos da sua permanencia em a Nova Granada, um ambiente desfavoravel, que por muitas decadas lhe prejudicou a fama e o renome. E' mister insistir

sobre esse ponto da sua biographia, aliás facilmente explicavel, porque melhor sobresahe o seu elogio.

Bolívar, de volta do Perú, onde vivera inesqueciveis dias de triumpho e apothese; tendo encontrado em Lima, segundo os historiadores, a sua Capua, viu-se subitamente solicitado pelos seus conterraneos, que começavam a dividir-se e a incompatibilisar-se. Temendo o desastre d'uma guerra civil, correu Bolívar a Bogotá e assumiu o governo, como dictador. Nessa epocha, accentuava-se a hostilidade do general Francisco de Paula Santander ao Pae da Patria columbiana. Eram os primeiros pruridos de separatismo, que brotavam sob o disfarce de insignificantes pretextos. Santander abroquellava-se na defeza das leis e da constituição, para profligar o gesto dictatorial de Bolívar. O grande homem soffria desesperantemente pela attitude rebelde dos seus antigos pares. Tinha, aliás, um temperamento susceptivel, que não podia permanecer inalteravel deante das diatribes. "Os ataques que lhe eram assacados pela imprensa, diz O'Leary, impressionavam-no sobremaneira. A calumnia irritava-o. Homem d'Estado durante mais de vinte annos, seu character sensível, entretanto, não o deixava vencer as susceptibilidades, aliás pouco communs nos homens collocados em postos eminentes. Formava, é certo, um alto con-

ceito da missão sublime do jornalismo, como fiscalizador da moral publica e como freio das paixões. Ao bom uso que se faz na Inglaterra desse agente civilizador, attribuia a grandeza e a moralidade do povo inglez'.

Bolívar estava acostumado a consentir que se discutisse em publico a sua conducta. Nos tempos de gloria sem contraste, esse costume lhe proporcionava o prazer de escutar constantemente hymnos, louvores, panegyricos, dithyrambos, dos mais entusiastas, dos mais delirantes endeusadores. Na ultima phase da sua carreira, encontrando-se, pela primeira vez, deante duma opposição organizada e tenaz, sentiu, com profunda emoção, que o côro dos elogios era interrompido pela vozeria dos detractores. Comtudo, apesar das illimitadas faculdades de que estava investido, não quiz abafar-lhes violentamente a voz. Appellou para arma semelhante, convencido de que o debate jornalístico propinaria o remedio definitivo contra a insidia. Nas ardentes logomachias que então se travaram, Bolívar experimentou a fidelidade dos seus melhores acolytos, e Abreu e Lima foi um delles.

O nucleo dos opposicionistas tinha como figura central o general Santander. Importa dizer quem era esse procer proeminente, fundador da Columbia actual, que nelle venera as suas puras tradições democraticas, e o tem-

como symbolo da patria e patrono da independencia, na galeria dos heroes nacionaes americanos, no palacio da União Pan-Americana, em Washington.

O general O'Leary, historiador da epopeia, a que tantas vezes nos reportamos, pinta o retrato de Santander, offerecendo certo contraste de vícios e virtudes, que não sabemos até que ponto será justo:

“Filho da Nova-Granada, abraçou Santander, desde os primordios da revolução, a carreira das armas, e mereceu sempre a confiança dos que governaram depois da transformação politica. Moço entusiasta e ambicioso, era, de todos os granadinos que se encontravam no quartel-general, o mais idoneo para desempenhar o posto a que Bolivar o destinava, de chefe do exercito. Grande conhecedor dos homens, não se illudiu na sua escolha. Nessa epocha, Santander era moço, de regular estatura, um tanto corpulento, o que lhe prejudicava a elegancia e a dignidade dos gestos. De cabellos lisos e castanhos, tez branca, fronte estreita, olhos pardos, largos ciliós, cavados, vivos, penetrantes, nariz recto e bem formado, labios finos, queixo redondo e curto. Seu rosto grave, revelava energia e resolução. Certo descuido, porem, do vestuario prejudicava o attractivo da sua pessoa, e para isso contribuia ainda o modo brusco e a pouca franqueza. Tinha talento, al-

guma instrucção e era muito diligente nos negocios. Em labores burocraticos era infatigavel, e pouco inclinado ao movimento e ao exercicio da vida militar. Seus camaradas accusavam-no por isso mesmo, como soldado de poucos brios. Mais ambicioso sempre de dinheiro que de gloria. Era passivel d'outras culpas, que se aggravaram mais tarde, mas o amor pela causa da independencia attenuava-as, então. Dizia-se, desde aquella epocha, e o tempo confirmou, que olhava com má intenções a autoridade de Bolivar. Isso, entretanto, não pesava no animo do varão magnanimo e generoso que lhe prodigalisou favores e confiança”.

Muito de industria citamos O'Leary, nessa pagina em que se traduz um conceito pessimista sobre o illustre Santander. O'Leary era tambem dos que jamais tergiversaram no culto a Bolivar. Foi a conducta nobre e leal de todos os estrangeiros que de perto acompanharam o heroe, e não podiam, por motivos obvios, adoptar nenhum dos partidos regionalistas e separatistas dentro da patria maior. Abreu e Lima formou com dignidade inalteravel na mesma grey. Ficou com o partido bolivariano, e, dahi, as suas admoestações a Santander. Durante muitos annos o nosso patricio se carteára com o granadino, tributando-lhe reiteradas demonstrações de affecto e apreço. Um traço de affinidade os ligava, e era a ma-

çonaria. Nas cartas a Santander muitas vezes invoca a sua qualidade de irmão franco-maçom e se refere aos progressos da Ordem na Venezuela, que em 1823 contava seis lojas. Também Abreu muito trabalhara, no Brasil e na Columbia, em prol da diffusão da maçonaria.

Mais tarde, o nosso patricio reformou o seu juizo sobre Santandêr, e não trepidou em ataca-lo e insulta-lo. Não ha nisso nenhuma incoherencia. Lima era amigo de Santander no tempo em que todos formavam fileiras em volta de Bolivar. Depois, por ser fiel ao ideal bolivariano, enquanto que Santander formava o seu grupo autonomo e antagonico, Lima obedeceu ao dictamen moral de romper com o procere granadino.

Assim, distinguem-se duas phases nas relações entre o brasileiro e Santander. Na primeira, vê-se o nosso patricio dirigir-se com amizade e gratidão ao chefe que em Boiacá o tinha galardoado com uma das suas gloriosas medalhas, em que scintilava preciosa esmeralda de muzzo. Em cartas publicadas no *Archivo Santander*, surprehende-se essa primeira dedicação de Abreu e Lima, logo trocada em inimizade irreductivel. Escrevendo ao vice-presidente da Nova-Granada, o *coronel de Lima, J. de Lima*, como elle mesmo assignava, sente-se á vontade para protestar-lhe affeição e pedir-lhe favores. E' mister reconhecer que ti-

nha o direito de fazel-o mercê da sua longa fé de officio de assignalados serviços prestados á patria adoptiva, tendo chegado ao extremo do desinteresse, desistindo de soldos que lhe eram devidos. A Nova-Granada tinha em Lima um dos seus mais decididos e efficientes e soldados. Com elle contrahira uma divida de gratidão. Lima suggere a Santander o envio duma missão diplomatica ao Brasil, na qual fosse como chefe o general Carlos Soublotte, e o brasileiro como secretario. Lima lembrava-se, por certo, de que Miguel de Santa Maria, mexicano residente em Nova-Granada, tinha sido enviado como plenipotenciario columbiano á capital do Mexico. Não seria de mais, pois, que Abreu e Lima fosse ao Brasil como diplomata columbiano. Mas Santander não quiz dar curso a essa pretensão, aliás bem justificavel.

Desde que Santander se collocou em campo antagonico ao de Bolivar, nunca mais Abreu e Lima lhe deu tregua. Até á morte, odiou-o ferozmente. O documento definitivo é o que se surprehende na famosa *Carta ao General Páez*, depoimento de meio seculo mais tarde, concebido em plena senectude, mas tambem em completa lucidez, quando o brasileiro general da antiga Grã-Columbia nada mais esperava dos seus velhos chefes, tambem por sua vez apeiados do poder pela revolução e pela morte. A celebre carta dir-se-hia uma voz d'alem tumulo, na

qual o guerreiro ainda exprime, com a vehemencia da mocidade, conceitos francos e leaes, denunciando affeições extremosas, tão intensas na velhice como na juventude. Agora, porem, o seu julgamento é definitivo, inappellavel, irreprochavelmente sincero, não obedece a allucinações de momento, a odios e paixões da vida em tumulto. Decorreram quasi cincoent'annos, o tempo trabalhou sobre as ancias e as revoltas e as ternuras daquelle coração, Santander é uma sombra do passado, Abreu e Lima em nada e por nada depende d'elle nem da Columbia, resvalaram para a Eternidade todos os vultos gloriosos, Bolivar como Soublotte, O'Leary como Ordaneta, o mesmo Páez está no limiar da tumba e banido da Patria: aquella testemunha quasi rediviva, esquecida em Pernambuco, póde dizer sem equivoco o seu pensamento, cruel para uns, grato aos demais.

E vê-se, nesse instante decisivo da sua vida, que elle estygmatisa sobremodo Santander. E' duro, é candente o seu juizo: "um intrigante, um perverso subtil, fino, astuto". Compulsando a historia da Columbia naquelles agitados dias, comprehende-se o sentido e o alcance dessas palavras. São, *mutatis mutandis*, as mesmas que se encontram no *Jornal de Bucaramanga*, attribuidas ao proprio Bolivar. São as mesmas que se surprehendem em innumeros escriptos. Transcrevendo esses severos

julgamentos, não queremos nem por sombras esposal-os, senão assignalar a violencia das paixões que explodiam em torno da figura de Bolivar, nos seus derradeiros dias. Santander tem o seu logar na Historia, num alto pedestal, e a sua conducta com Bolivar é apenas a definição do rumo antagonico das suas ideias. Para registrar, entretanto, tambem como uma homenagem á sua patria, um elogio capaz de defini-lo imparcialmente, servimo-nos do seguinte fragmento dum discurso recentemente pronunciado na União Pan-Americana de Washington pelo ex-secretario d'Estado Charles Evans Hughes:

"Numa epocha em que o precessus do governo republicano estava ainda em periodo de formação, Santander fez comprehender ao seu povo a importancia de constituir-se um governo de leis e não de homens, e foi pelo seu indefesso labor que se poderam lançar os alicerces da liberdade individual na organização da justiça, base sobre a qual deve repousar a grandeza da Columbia. A lição por elle propinada é ainda hoje a mesma de que o mundo precisa. E não apenas pelo ensinamento, mas, alem disso, por ter consagrado a vida á erecção dos principios cardeaes da liberdade, é que podemos render alta homenagem ao seu nome e partilharmos do vosso orgulho pela sua obra".

Eis como nos sentimos á vontade para exaltar Abreu e Lima, em sua justificada dedicação a Bolivar, sem, entretanto, deprimirmos a gloria de Santander. Lima obedecia a legítimos impulsos do coração, tanto que, ao mesmo passo que invectivava Santander, tributava respeito e affecto a Páez, com quem tambem se incompatibilisára, mercê de intrigas, na Venezuela. Páez, oriundo de humilde familia, synthetisa, na epopeia, toda a bravura e heroismo do soldado llanero. Foi outro grande capitão. Assim como Santander encarnara, na actual Columbia, o sentimento autonomista, e Florez, no Equador, adoptara tambem o partido regionalista, assim tambem Páez, na Venezuela, representou a corrente separatista. Todos tres trahiram o ideal de Bolivar. Todos tres, entretanto, cresceram no apreço nacional de cada uma das patrias nascidas dessa desavença, e que, embora menores em territorio, continuam sendo grandes pelo culto ao maximo heroe.

Quando Bolivar exercia a dictadura em Bogotá, e caracterisava-se o antagonismo de Santander, em certa noite tramou-se e levou-se a cabo um attentado contra a sua vida. Pernoitava elle no palacio presidencial de São-Carlos e entregava-se, na sua alcôva, aos braços apaixonados da bella Manuelita Saenz, sua amante. Desde esse dia, a formosa concubina passou á Historia com o epitheto de "Liberta-

dora do Libertador", por que a ella, pela intelligencia, pela astucia, pelo dissimulo, deveu a a vida o grande Bolivar, escapando por uma das gelosias do palacio. O general Santander foi indigitado chefe dos conspiradores e preso. Bolivar não quiz exercer vingança contra elle, e, vendo-o depois condemnado á morte, commutou-lhe a pena em banimento. Um dos principaes cabecilhas da conspirata era o insigne poeta, fundador do theatro columbiano, Luiz Vargas Tejada. Fugiu e escreveu mais tarde umas *Recordações Historicas*, que illustram muito opportunamente esta biographia. Tejada, referindo-se aos pamphletarios que defendiam Bolivar, escolhe para alvo das suas invectivas precisamente o pernambucano.

"O principal desses escriptores, diz elle, era o discolo e malvado aventureiro coronel de Lima, sacerdote apostata do Brasil; elle e seus companheiros escreviam de accôrdo com as suggestões do general O'Leary e outros servos de Ocana. A melhor e mais satisfactoria apologia dos liberaes, seria uma exacta biographia dos seus calumniadores." Tejada, alma ingenua de poeta, tinha o cerebro obumbrado pela paixão politica, convencido de que a morte de Bolivar e a ascenção de Santander representariam a salvação da patria granadina. Referindo-se con tanta dureza ao nosso patricio, não era, naturalmente, mais benigno ao tratar

de Bolivar. Diz Tejada que quando o Libertador deliberou realisar os seus ultimos planos politicos na Columbia, desde logo (e convem citar as suas authenticas palavras)—“o bando insolente dos seus partidarios se poz em campo contra os escriptores liberaes (santanderistas) e como não pudessem combatel-os com as armas da razão, de que careciam de todo, esforçavam-se por acabrunhal-os a poder de improprios, invectivas, ameaças e grosseiras calumnias . . .” E termina com estes mesmos conceitos, terriveis e candentes, que vão ferir directamente Bolivar e seus amigos: “Taes escriptores (Abreu e Lima *et reliquia*) ultrajando de modo atroz a moral publica e todas as leis da verdade, da decencia e da honra, tomaram, desde então, como alvo, os deputados liberaes, para assacar-lhes uma serie de infamias e fetidas diatribes, expondo-os á mofa e ao escarneo da vil canalha bolivariana . . .”

Varios dos pamphletos de Abreu e Lima foram editados em Carthagena, porto columbiano de tradições heroicas na guerra da Independencia. O pamphleto *A Torre de Babel*, da sua autoria, mereceria ainda ser anlyzado. Poupamo-nos, comtudo, esse trabalho, porque as

ideias são as mesmas que consubstanciou no seu *Resumo Historico da ultima Dictadura do Libertador Bolivar*.

Já tivemos ensejo de dizer que essa obra foi redigida a pedido do proprio Bolivar, com o objectivo declarado de responder aos ataques formulados na Europa por Benjamin Constant contra o heroe americano. Havia tambem um motivo evidente para justifical-a, e esse era a necessidade de fixar, num documento serio, a defeza de Bolivar contra os ataques dos jornalistas granadinos, como Tejada e consocios. As invectivas de Benjamin Constant já tinham sido pulverisadas em Pariz, nas columnas do *Courrier Français*, em começos de 1829, pelo celebre abbade de Pradt, arcebispo de Malines. Pradt, espirito lucido, muito se entretinha com os assumptos da America, e, seja dito de passagem, a elle devemos algumas paginas magnificas sobre a nossa Independencia e sobre o papel da monarchia em o nosso destino. Mas, o *punctum saliens* dos escriptos de Pradt era Bolivar, a cuja obra teceu os mais rasgados louvores.

Abreu e Lima se propunha apenas a pesenvolver e a documentar o arrazoado de

Pradt. Do mesmo passo, porem, profligava os conjurados de 28 de Setembro de 1828; Tejada, Santander e outros muitos, e justificava o gesto dictatorial de Bolivar, que visava manter a integridade da patria, pela adopção da chamada Constituição Bolivariana, da presidencia perpetua, que já fora perfilhada pela Bolívia e Perú.

“Eu fui escolhido para redigir esse trabalho (escreve Abreu e Lima) e aceitei prazerosamente a incumbencia, não só por ser accordo com as minhas idéias, como pela honra de tornar-me orgão dum justo tributo á opinião publica e de gratidão ao illustre defensor do general Bolivar, abbade de Pradt. Tive a fortuna de concluil-o e recebi do proprio Libertador os agradecimentos mais vivos pela minha dedicacão e pela franqueza do meu estylo; recompensa que ultrapassou ás minhas esperanças e sobradamente pagou a minha modesta tarefa. Oxalá corresponda aos anhelos vehementes que animam o meu coração, em prol do triumpho do unico Caudilho que até agora se assignalou na America do Sul como legitimo Libertador da sua patria.”

Abreu e Lima defendia, pois, a presidencia perpetua de Bolivar, por enxergar

nella o unico recurso capaz de manter unidas as partes integrantes da Grã-Columbia. Estudava como diz o Sr. Carbonell, o periodo menos bello da epopeia. Encarava, de facto, a quadra aziagã do epilogo da gloria do Libertador, que se avisinhava da morte. Emmaranhado em demasia no *mare magnum* dos ultimos episodios da ingloria campanha, Abreu e Lima não logra, em muitos trechos, alçar o vôo a regiões de mais amplo descortino. D'est arte em larga porção, a sua obra assume o aspecto monotonho dum libello de causidico. Não lhe falta, porem enthusiasmo, ao tratar de Bolivar, comparado, pelo militar e historiador, a Washington, a Napoleão, Cincinnato. Tambem o *Resumo Historico* padece, por certo, de alguma parcialidade, natural em quem escrevia em pleno fragor da polemica. Não são excluidos da censura nem Santander, nem o proprio Páez, seu velho affecto e camarada. A obra de Abreu e Lima, publicada naquelles mesmos annos em jornaes e pamphletos da Nova-Granada, fragmentariamente, não sahiu depois a lume, e ficou esquecida durante quasi um seculo no archivo do Instituto Archeologico de Pernambuco. Em 1922 o governo da Venezuela, em

gesto de franco e cordeal americanismo, resolveu entregal-a aos prélos, como significativa homenagem ao Brasil. A iniciativa se deveu ao brilhante e sagaz espirito de Diego Carbonell, plenipotenciario venezuelano no Rio de Janeiro, que poudé arrancar o precioso papel ao pó dos archivos, mercê da informação e da ajuda solícita e oportuna do eminente Sr. Mário Melo.

Explicada, assim, ampla e detidamente a conducta de Abreu e Lima na Columbia, e esclarecidos os motivos pelos quaes se sentiu incompatibilizado com os patriotas da Nova-Granada, pode-se comprehender porque, em seguida á queda de Bolívar, foi o nome do nosso patricio riscado do quadro militar da sua patria adoptiva. Já se achava elle longe das plagas, columbianas, quando, a 4 de Setembro de 1831 a *Gaceta de Colombia*, órgão official da republica, publicou a "*Lista de los Jefes, oficiales, y demás individuos militares que por desafectos al sistema constitucional, y por sospechosos a la causa publica, han sido expulsado del país,*" lista na qual se incluía o coronel de Lima. A seu lado, e para sua honra, figuravam outras individualidades de renome. Mas, para com-

pensal-o e desaggraval-o, bastava-lhe o carinho e a approvação de Simão Bolívar, que, depois da honrosa incumbencia a que antes nos referimos, de escrever a sua defeza, dava-lhe a maior prova de estima, promovendo-o, com documento do seu proprio punho, ao generalato.

Muitos annos depois, os mesmos historiadores columbianos vieram tributar ao glorioso soldado a justiça que lhe tinha sido negada pelos coevos.

Facundo Mutis Davilla, notavel historiador da Columbia, mostrou como Abreu e Lima fora completamente ou quasi completamente desconhecido até 1873. A constatação é feita por Dom Facundo na revista *Papel Periodico Illustrado*, numero 13, de 1882, em introdução á biographia de Ricaurte, heroe e martyr da Independencia. Cita, a proposito, um escripto de Macaulay, sobre Lord Clive, assignalando que na Inglaterra mais se conhecia a historia da conquista hespanhola na America, do que mesmo os grandes feitos dos inglezes no Oriente. Dom Facundo nota tristemente que factó identico succede na Columbia, mais familiarisada com a historia da Europa, do que com os proprios fastos de guerra nacional.

Exemplifica : “Quando na Europa era conhecido o brasileiro, general da antiga Columbia, José Ignacio de Abreu e Lima; quando lá fóra se sabia que tinha nascido em Pernambuco, por volta de 1796; que era capitão de artilheria quando em 1817 tomou parte na primeira desgraçada insurreição contra a metropole; que, acompanhando sempre a causa da liberdade, por toda a parte onde por ella se batalhava, veio á Venezuela ainda menino uniu-se a Bolivar e a Páez, bateu-se em Vargas e Boyacá, em Carabobo e Tarquy, alcançou a patente de general e commissões muito importantes; quando se sabia na Europa que era autor dum *Bosquejo Historico, politico e litterario do Brasil*, dum compendio de *Historia do Brasil*, duma *Defeza da Historia do Brasil*, dum compendio de *Historia Universal*, duma obra sobre o *Socialismo*, etc, etc; quando tudo isso era sabido na Europa sobre a vida, os serviços, os escriptos d’um antigo soldado da nossa guerra de emancipação, nós ignoravamos talvez que tivesse siquer existido, menos ainda que fosse um dos fundadores da nacionalidade muito menos que tivesse sido notavel quer na patria quer fóra d’ella, e muitissimo menos po-

diamos presumir que viessemos a conhecê-lo pela alheia, antes que pela nossa propria Historia. Só em fins de 1873, quando, por uma carta daquelle illustre ancião general, dirigida ao seu companheiro d’armas vencedor das Quezeras Del Medio, publicada na *America Illustrada* de Nova-York, e posteriormente na *Revista de Columbia*, viemos a conhecer uma parte do que já era sabido do autor do *Grand Dictionnaire*, sobre tão gloriosa reliquia dos nossos libertadores. Os dados de Dom Facundo são, como se vê, extrahidos do “*Grand Dictionnaire Universel* du XIXme siècle”, tomo X, p. 518, Pariz, 1873.

A mesma famosa carta de Abreu e Lima tardou mais dum lustro a chegar a Bogotá. Escripta em 18 de Setembro de 1868, é mencionada apenas em 1875. E no mesmo mez e anno em que foi escripta, era publicada na Argentina, na importante “*Revista de Buenos-Ayres*,” numero 65, anno VI, set. de 1868, que encerrava com o seguinte opportuno commentario : “O guerreiro que acompanhou o general Páez nas Quezeras del Medio, em Carabobo, em Puerto Cabello, e Bolivar em Vargas e em Boyacá, deve passar á posteridade com elles”.

Não era, pois, um aventureiro, era um heroe, como assignala o sr. Carbonell: "Não era um aventureiro que aportava ao meu paiz. Era um joven convenientemente preparado, podia offerecer com orgulho os seus serviços á causa nobilissima e santa da Grã-Columbia: iniciára o seu curso de artilheria em Olinda, em 1811; em 1812 era alumno da Academia Real e Militar do Rio de Janeiro. Para julgar-se da sua illustração, basta dizer-se que o proprio Padre Roma foi seu mestre em litteratura, em historia e em dignidade".

Esses são os justos e generosos conceitos de historiadores da Venezuela e da Columbia, que se enquadram perfeitamente com o julgamento dos seus mesmos patricios. O illustre mestre sr. Alfredo de Carvalho, assignalou-o com propriedade e exactidão: "Animo altivo e nobre, elevando a noção da honra e o sentimento da dignidade ás proporções dum verdadeiro culto, ao qual o seu genio ardente e apaixonado não podia deixar de emprestar dose notavel de fanatismo, susceptivel e impetuoso em epocha na qual, só extirpando d'alma os germens de quaesquer velleidades de independencia se conseguia subir, e o servilismo,

a humilhação, a hypocrisia e a lisonja eram os degraus que conduziam á conquista das posições, não é de admirar que, no diuturno attricto com as vaidades estupidas, as presumpções estultas e os preconceitos ridiculos de superiores hierarchicos de manifesta inferioridade intellectual e moral, o moço militar se sentisse a miude ferido nos seus brios e esquecida a prudencia, se deixasse arrastar á pratica dos actos delictuosos". Assim era, em verdade, no Recife, como em Caracas e em Bogotá, onde muitas vezes se encontrou deante de conselhos de guerra, por seu character impulsivo e nobre, jamais, porem, accusado de qualquer acto menos digno.

Terminando aqui estas notas sobre o heroe brasileiro da guerra bolivariana, fica-nos a esperanza de havermos exalçado os mais puros relêvos da sua gloria. Batalhando na Columbia, elle fazia questão de não se confundir com os mercenarios estrangeiros, e isso mesmo insiste em repetir ao general Santander: eu sou americano, diz elle, querendó com isso significar que era soldado dum ideal supremo, que se confundia, em ultima analyse, com a unidade do destino continental. Por seu gosto, acabar-se-

hiam as fronteiras na America livre, grande, fraterna. Assim sendo, não deixava, entretanto, de prezar, sobre todas as cousas, o seu amado Brasil. Republicano e soldado da democracia, como elle era, incapaz de trahir o seu credo politico, referia-se, comtudo, cheio de patriotico entusiasmo, ao papel do Imperio, em cartas dirigidas a Francisco de Paula Santander. Lamentava, é certo, a nossa fórma de governo dynastica, mas, pensando na confederação continental, com que sonhava Bolívar, escrevia: "Creio que o Brasil será um dos primeiros Estados confederados, quer pela sua situação geographica no Atlantico, muito superior ao Pacifico, quer pela sua força physica e moral, por ser hostil aos portuguezes e pela conveniencia da visinhança com Buenos-Ayres, Columbia e Perú, com os quaes confina ao sul, ao norte, ao occidente, e, como estou certo de que o principal objectivo desse plano consiste na independencia de todo o Novo Mundo, competirá ao Brasil um grande papel no seu resultado."

Isso escrevia elle quando se encontrava longe dos patrios lares, incompatibilizado com a nossa fórma de governo, pagando, no exilio, o peccado de ser paladino de nobres ideaes.

Santafé de Bogotá,
1926

Bibliographia

Arboleda, Gustavo—El Brasil al través de su historia. 1 v. Santafé-de-Bogotá, 1914.

"Archivo Diplomatico da Independencia", varios autores, 5 v. Rio-de-Janeiro, 1922.

Carbonell, Diego—"Biographia de Abreu e Lima, in Resumo Historico da ultima Dictadura do Libertador Simão Bolivar". 1 v. Emp. ed, "O Norte", Rio-de-Janeiro, 1922.

Costa, Henrique Otero da—"Los Brasilenos en la Independencia de Colombia, in "Lecturas Dominicales", 15 Março, 1925.

Carvalho, Alfredo de—"Um companheiro de Bolivar, in "L'Amérique Latine". Pariz, 3 Fevereiro 1925.

Duran, Facundo Mutis—art. "Ricaurte, in rev. "Papel Periodico Ilustrado". n. 13, Bogotá, 1882.

"Gaceta de Colombia", Bogotá, 4, Setiembre, 1831. (*Escalajon general de los jefes y oficiales que sirvieron en la guerra de la independencia*).

Hispano, Cornelio—"Diario de Bucaramanga", por *Louis Péru de Lacroix*, 1 v. ed. P. Ollendorff, 1912.

Lacroix, L. Péru de—"Diario de Bucaramanga", pas.

Mundrucú, Emiliano Felipe Benicio—"Manifiesto dirigido a la nacion colombiana," imp. de Thomaz Anthero, Caracas, 1826.

"Memorial del Estado Maior del Ejercito" Bogota, n. 130, Abril, 1923.

O'Leary, Daniel Florencio—"Memorias", 31 vols., Caracas, 1878-1883.

Páez, José Antonio—"Autobiographia," Nova-York, 1867.

Pradt, abbade de—"Le Congrès de Panamá", ed. Béchét ainé, Pariz, 1825.

Rafter, coronel—"Memoirs of Gregor Mc Gregor," apud. n. *Otero da Costa*.

Santander, "Archivo del General" *Francisco de Paula*—22 vols, Bogotá, 1924.

Scarpetta, Leonidas—"Diccionario biografico de los campeonos de la libertad etc. etc. Bogotá, 1879.

Tejada, Luiz Vargas—"Recuerdos historicos, in "Bibliotheca Popular", t. VII, Bogotá, 1894 (pags. 16-141).

OBRAS DE ABREU E LIMA SOBRE A GUERRA DA INDEPENDENCIA

"Resumen historica de la ultima dictadura del libertador Simon Bolivar comprobada con documentos." Prefacio e versões

de *J. M. Goulart d'Andrade*. Biographia e notas de *Diego Carbonell*. 1 vol. Rio-de-Janeiro. Emp. ed. "O Norte", 1922. (Suppõe-se tenha sido editado pela primeira vez em Londres, em 1830).

"La Barca de San Pedro", pamphleto, Carthagena, 1830.

"La Torre de Babel", id., Carthagena, (Colombia) 1830.

"Carta al general" *José Antonio Páez*. in: "Biografias", de *Azpuruá*, t. I, pag. 427, apud *Carbonell*; "Revista de Buenos-Ayres", n. 65, anno VI, sete, de 1868; "Revista de Colombia", de Bogotá e "America Illustrada", de Nova-York.

"Limites entre Brasil y Colombia", manuscrito, Bogotá, 1836.